

## EM TEMPOS DE FOLIA: TAIEIRA E CONGADA OITOCENTISTA

Rose Clea de Santana Santos<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho buscar-se-á compreender o surgimento dos grupos e seu principal papel dentro da sociedade. Tendo como objetivo explorar a trajetória de interesse em torno dos estudos sobre a cultura popular e sua manifestação. Destacar o principal papel nas festividades oitocentista em Lagarto e a participação da confraria religiosa. Durante a pesquisa foram estudadas as Taieiras e Congadas de diferentes localidades comparando-as e buscando características comuns entre elas. Ambos os grupos folclóricos em pesquisa homenageiam a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário por serem santos considerados protetores dos negros. Através dessa pesquisa busca-se abordar a organização e formação dos grupos Taieiras e Congadas da cidade de Lagarto/SE, fazendo uma revisão da bibliografia existente sobre o assunto. Fazer uma descrição dos grupos, sua localização, características e formação, concentrando-se na análise de conceitos relacionando os diferentes grupos. O enfoque desse texto se dará a partir de uma perspectiva antropológica da relação entre os grupos Taieiras e Congadas e a sociedade. Como os aspectos religiosos, sagrados e de diversão se refletem no comportamento dos líderes e atores sociais participantes (grupo e comunidade). Para esta pesquisa foram feitas pesquisas bibliográficas, documentais e de campo, dentre elas está o arquivo judiciário de Aracajú e a biblioteca Ephifânio Dória localizada na mesma capital. As igrejas da Matriz e a do Rosário, monografias e artigos e uma bibliografia vasta que serviram de pressuposto teórico-metodológicos, que forneceram os modelos explicativos.

### Abstract:

This paper studies search will understand the emergence of groups and their main role within society. Aiming to explore the trajectory of interest around the study of popular culture and its manifestation. Highlight the main role in the festivities in nineteenth Lizard and the participation of religious confraternity. During the research we studied the taieira Congadas from different locations and comparing them and looking for common characteristics between them. Both folk groups in research homage to St. Benedict and Our Lady of the Rosary as they are considered protectors of black saints. Through this research seeks to address the organization and training of groups and taieira Congadas city Lagarto-SE, making a review of the literature on the subject. Make a description of the groups, their location, characteristics and training, focusing on the analysis of concepts relating to

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela UNIT e especialista em História do Brasil pela INTA.

different groups. The focus of this text will be from an anthropological perspective of the relationship between groups and taieira Congadas and society. Because the religious, sacred and fun are reflected in the behavior of leaders and social actors participating (group and community). For this research were bibliographic, documentary and field, among them is the legal file of Aracaju and library located in the same Doris Ephifânio capital. The churches of the Mother and the Rosary, monographs and articles and an extensive bibliography that formed the theoretical and methodological assumption that provided the explanatory models.

O presente trabalho nasceu da curiosidade de estudar as Taieiras e Congadas nas festas oitocentistas pelo fato de ser um período marcado pela escravidão. Através desse olhar me debrucei sobre a vila de Lagarto nos anos oitocentos para compreender as manifestações culturais existentes ali nesse momento.

Período conturbado pelas alforrias, pelos agentes Ultramontanos que a todo custo precisava catequizar os negros escravos, forros e livres por não os considerarem como seres humanos os que ali existiam, já que na região existiam muitos escravos.

Afirma Santos que:

Na segunda metade do século XIX a posse de escravos na vila foi bastante difundida: cerca de dois terços da população possuía escravos. (SANTOS, 2004, p. 27).

Esses negros escravos, forros e livres viviam sobre a pressão do trabalho rígido, mas amparados pela irmandade de Nossa Senhora do Rosário e em meio a tanta opressão havia um momento de fuga da realidade, perdiam o identidade escrava para viver momento de corte, de reis e rainhas.

As festas comemorativas em que os negros tornavam-se reis e rainhas eram as festas dos padroeiros negros a festança de Nossa Senhora do Rosário e a pomposa procissão de São Benedito, esta ultima acontecia no período natalino que além de movimentar toda a vila, acontecia ali a mistura de Casta. Viam pessoas de vários lugares

para assistirem e se vislumbrar com as Taieiras e as Congadas em seu séquito real e seu manifesto popular.

Pra Nascimento:

Neste momento podemos dizer que se dava assim uma disputa pelo espaço lúdico, e que segundo o cronista os negros gozavam de vantagem. Desse modo a apropriação negra do espaço desta festa sinalizava um triunfo dos negros de Lagarto na batalha simbólica. (NASCIMENTO, 2009, p. 31-32).

Esse momento simbólico e de muita pompa se dava também pela irmandade católica que com muita dificuldade conseguia a realização da festa através das esmolas, bolsas dos santos, entrada dos irmãos na confraria e acompanhamento funeral. Só assim conseguia o dinheiro para a realização.

Trata-se de uma pesquisa desenvolvida na abordagem quantitativa com o enfoque histórico-documental. E contendo pesquisa bibliográfica e documental baseado no cronista e memorialista Mello Morais Filho e a professora Beatriz Góis Dantas e o documento que é o Livro de e Recebimento da irmandade de Nossa Senhora do Rosário de 1856.

O presente trabalho de conclusão de curso está dividido em três capítulos, sendo esse o primeiro: História, Culturas e Religiosidades, onde faz a apresentação dos temas como cultura, cultura popular e folclore, segundo autores nacionais e estaduais. O segundo fala das Taieiras e Congadas nas festas oitocentistas, seu papel com devoto e suas características no espaço sergipano, e o terceiro capítulo aborda as duas festas mais movimentadas do século XIX na vila de Lagarto.

O objeto desta pesquisa são as Taieiras e Congadas em Lagarto oitocentista, localizada na região centro sul do estado de Sergipe, que estiveram presentes durante muitos anos no calendário festivo lagartense. Objetivando assim compreender a participação dos grupos em estudo nas festas dos padroeiros negros, entender o papel simbólico e a participação da irmandade católica como meio de suporte para os grupos.

A cultura é de muita importância para a sociedade, pois é através dela que descobrimos e conhecemos os costumes dos nossos antepassados que duram até os dias de hoje. E muitos historiadores buscam detalhes na história que possam ser fundamental para a concretização do que é cultura, sabendo que tudo aquilo que é vivenciado numa sociedade e tomado como seu seguindo como normas. Sendo assim, Arantes afirma que:

Em se tratando de vida social, a cultura (significação) está em toda parte todas as nossas ações seja na esfera do trabalho, das relações conjugais de produção econômicas ou artísticas, sexo, da religião, das formas de dominação e de solidariedade, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos “cultura”. (ARANTES, 1990, p.34).

Arantes ainda diz que a cultura em sociedade não seja construída como uma colcha de retalhos e sim das ações conjuntas em sociedade pelo simbólico.

Em resumo, então, demolida a concepção de cultura como colcha de retalhos, próprias dos difusionistas e evolucionistas, e estabelecida a tese de que ela é constituída por sistemas de significados que são parte integrante da ação social organizada, recupera-se a noção de que, mesmo em sociedades relativamente homogêneas, os sistemas culturais comportam incoerências. (ARANTES, 1990, p.40).

Apesar de o termo cultura ter conceitos com muitas controvérsias, Burke entre outros antropólogos e historiadores defende que cultura é tudo que pode ser aprendido numa certa comunidade, assim como a comida, a bebida, o jeito de andar, o falar, as brincadeiras as danças entre outras coisas.

Burke afirma que: “Um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados, e as formas simbólicas (apresentação e artefatos) nas quais eles se expressam ou se incorporam”. (BURKE, 1999, p.12).

Para Carlos Rodrigues Brandão, a cultura existe nas diversas maneiras por meio dos quais o homem cria e recria as teias, as tessituras e os tecidos sociais de símbolos e de significados. Segundo Brandão:

Como um sistema que a tudo unifica e dá sentido próprio, original: o modo de vida camponês que estrutura formas de sentir, pensar, de representar o mundo, a vida e a ordem social, de trocar entre as pessoas bens, serviços e símbolos, de criar e fazer segundo as regras da sabedoria tradicional e os costumes que pessoas seguem com raras dúvidas. (BRANDÃO, 1982, p.21).

Por isso, cada ser humano é sujeito social e transformador do meio em que vive, por que a cultura se transforma pela prática e mudança no modo de vida de um grupo social.

Conforme Arantes as manifestações culturais fazem parte do cotidiano da sociedade. Ele destaca algumas expressões culturais, entre as quais:

Samba, frevo, maracatu, vatapá, tutu de feijão e cuscuz. Seresta, repente e folheto de cordel. Congada, reisado, bumba-meu-boi, boneca de pano, talha, mamulengo e colher de pau. Moringa e peneira. Carnaval e procissão. Benzimento quebrante, simpatia e chá de ervas. (ARANTES, 1990, p.12-13).

Pesquisadores do tema observam a cultura como algo natural, que é distinguido em particular. Sendo assim, cada povo tem a sua cultura, seus diferentes costumes que se relacionam de modo íntimo, constituem híbridas, ou seja, suas culturas se misturam, resultando em novas expressões de manifestações popular. Esses vínculos de expressão popular passam de geração a outra e ficam pertencendo a determinado povo, de tal modo, que desconhecemos os seus autores.

Cultura é um conjunto diverso, com muitas maneiras de produzir sentido, uma infinidade de formas de ser, de viver, de pensar, de sentir, de falar, de produzir e de expressar saberes, por conta disso,

não existe uma só cultura, nem cultura rica ou pobre, nem tampouco povo sem cultura.

São os grupos sociais que perpetuam crenças e rituais que passarão de geração a geração através da repetição. Aprendemos de nossos pais que aprenderam com os seus pais e assim por diante. Um exemplo claro dessa repetição que vira tradição são as cantigas de ninar.

A cultura popular por ser tratada como cultura do povo “miúdo”, cultura subalterna terá sempre um olhar de “inferioridade”. Pois num país capitalista tudo o que vem da ação elitista é um conhecimento superior, bem pensado, “o fazer artístico”, já o que vem do povo resta apenas “o fazer artesanal negando assim a capacidade de o povo pensar.

Para essa questão Arantes afirma:

Nas sociedades industriais, sobretudo nas capitalistas, o trabalho manual e o trabalho intelectual são pensados e vivenciados como realidades profundamente distintas e distantes uma da outra. Refletimos um minuto, por exemplo, sobre as diferenças sociais que há entre um engenheiro e um electricista, ou entre um arquiteto e um mestre de obras. Além da discrepância entre salários e ao lado das formações profissionais diversas, há um enorme desnível de prestígio e de poder entre essas profissões, decorrente de concepção generalizada em nossa sociedade de que trabalho intelectual é superior ao manual. Embora essa separação entre modalidades de trabalho tenha ocorrido num momento preciso da história e se aprofundado no capitalismo, como decorrência de sua organização interna, tudo se passa como se ‘fazer’ fosse um ato naturalmente dissociado de ‘saber’. Essa dissociação entre o ‘fazer e ‘saber’, embora a rigor falsa, é básica para a manutenção das classes sociais, pois ela justifica que uns tenham poder sobre o labor de outros. (ARANTES, 1990, p.13-14).

Portanto, quando a ideologia capitalista se dissocia o trabalho intelectual e o trabalho manual, respectivamente vinculado á elite e o povo, condena-se a produção popular ao domínio da

irracionalidade da inconsciência, da espontaneidade do fazer. Para isso ele afirma:

Desse ponto de vista, a ‘cultura popular’ surge como uma ‘outra’ cultura que por contraste ao saber culto dominante, apresenta-se como ‘totalidade’ embora sendo, na verdade, construída através da justaposição de elementos residuais e fragmentários considerados resistentes a um processo ‘natural’ de deterioração. Justificam-se, portanto, aos olhos desses teóricos, as tarefas de seleção, organização e reconstrução da ‘cultura popular’ que os ocupantes dos lugares de poder da sociedade atribuem a si próprios. (ARANTES, 1990,p.18).

A cultura popular não é apenas as manifestações festivas e as tradições orais e religiosas do povo, mas também as criações, o modo de organização e o modo de expressar os seus valores. Incorporar os saberes de origem popular ao conhecimento acadêmico é uma necessidade cada vez mais premente, pois é importante para a construção de identidade.

A cultura do folclore não é apenas ‘culturalmente’ ativa. Ela é também politicamente ativa. É um codificador de identidade, de reprodução dos símbolos que consagram um modo de vida de classe. Só a partir daí e que tem sentido pensar questão da tradicionalidade. Daquilo que pode ser ‘antiquado’ e ‘conservador’ do ponto de vista externo das classes eruditas, mas que é vivo e atual para as classes produtoras e useiras de sua própria cultura. (BRANDÃO, 1982, p.40-41).

Cultura popular é descoberta no momento em que ela oferece aprendizagem, ensinamentos, conhecimentos, sentidos e significados, que possa ser compreendida como riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real a vida e a condição humana.

Barreto salienta que:

Uma cultura denominada popular, ligada á tradição oral, livre, profana, extravagante e coletiva, cada vez mais empurrada para representar o lado rural da sociedade, por isto mesmo arcaico, com traços medievais fortes. (BARRETO, 1997, p. 26).

Todos os povos possuem suas tradições, crenças e superstições, que transmitem através de lendas, contos, narrativas, provérbios e canções. Esses vínculos de expressão popular passam de geração a outra e ficam pertencendo a determinado povo, de tal modo, que desconhecemos os seus autores. Além disso, os povos possuem usos e costumes peculiares, fabricam manuais e executam artesanatos que os distinguem em particular.

Para Brandão:

Os “causos” contados durante o dia da festa: mitos, histórias, lendas, narrativas antigas, perdidas no tempo, transmitidas de uma geração à outra sem que ninguém se lembre de um autor de uma origem. Os costumes e as crenças do lidar com a natureza, tanto no trabalho da lavoura quanto no artesanato do algodão. (BRANDÃO, 1982, p. 21).

O estudo do folclore ou cultura popular como muitos chamam é um conhecimento que se reveste de grande importância, pois nos leva a conhecer os fatores que constituíram a cultura do povo, que equivale a dizer que constituíram o próprio povo, sendo assim “a criação do folclore é pessoal. Alguém fez, em um dia de algum lugar. Mas a sua produção ao longo do tempo tende a ser coletivizada, e a autoria cai no chamado domínio público”. (BRANDÃO, 1982, p. 34). O folclore vive da coletivização anônima do que se cria, conhece e reproduz, ainda que durante algum tempo os autores possam ser conhecidos. (BRANDÃO, 1982, p. 34).

Neste sentido, percebe-se que é difícil dizer onde folclore e onde termina, pois o saber do povo é na categoria de oralidade, do saber popular é passada de uma geração a outra, sem influência direta da cultura erudita, simplesmente passado pela observação e imitação dos mais velhos.

Barreto afirma:

O folclore é um fragmento do cotidiano logínquo, que vai contextualizando no tecido social, como uma referência logo, é uma ferramenta auxiliar da interpretação dos

fatos, que em certas circunstâncias mais se equivale a uma chave, que revela ao presente todas as surpresas do passado acumulado. (BARRETO, 1997, p.55).

Durante muitos anos a dança folclórica foi usada como manifestação de devoção religiosa significando para os grupos “brincar de ser livre” e caracterizada por se situar e se desenvolver dentro da cultura espontânea informal, ou seja, é aprendida pela observação e imitação direta, pela repetição e pela tradição. Segundo Arantes:

Por mais contraditórios que possa parecer, são exatamente esses objetos e modos de pensar considerados simplórios, rudimentares, desajeitados e deselegantes os que produzimos religiosamente em nossas festas e comemorações nacionais. (ARANTES, 1999, p. 15).

Para muitos pesquisadores o folclore e a cultura popular são divergentes, para outros como Luiz da Câmara Cascudo, define o folclore, como cultura do popular que tornada normativa pela tradição. Ele define:

Folclore é a cultura do popular que tornada normativa pela tradição, técnicas e processos utilitários, além da sua funcionalidade. A mentalidade móbil e plástica torna tradicional os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora de fenômeno coletivo. Como a imóvel enseada da ilusão da permanência estática, embora renovada na dinâmica das águas vivas. O folclore inclui nos objetos e fórmulas populares em quarta dimensões, sensível ao seu ambiente. O folclore estuda a solução popular na vida em sociedade, ou seja, estuda todas as majestades tradicionais na vida coletiva. (CASCUDO, 2001, p. 334-335).

Brasil um país riquíssimo em expressões folclóricas, um dos mais variados do mundo. Muitos povos contribuíram para a formação de identidade do país, pois a cultura está presente na maneira de vida do povo brasileiro como: o cantar, o brincar, o fazer, o colher, são exemplos de expressões ou dinamismo que só mesmo possível a esse turbilhão espontâneo que é chamado cultura popular.

O século XIX ficou marcado pelos agentes Ultramontanos. Para eles os negros escravos, forros e livres precisariam ser

catequizados para se tornarem um homem novo, por isso as irmandades católicas eram bem vista e aceitas pela igreja, pois as irmandades tinham o papel de promover procissões e festas populares. “As confrarias ou irmandades religiosas contribuíram para descaracterizar a cultura africana, sobre a qual já incidiram tantos fatores desagregadores”. (NUNES, 2003, p 243).

As irmandades católicas surgiram no Brasil desde o século XVI, seriam elas as irmandades dos negros de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e santa Ifigênia, essas irmandades significaram para os escravos africanos e afros brasileiros a via a única via de acesso a sociedade Colonial, com isso reviviam as práticas culturais africanas, como a coroação simbólica de soberanos negros, que era conhecido como Reis Congos. Essa festa era bem vista pelos senhores de escravos e pela igreja porque era festa religiosa, sagrada. “Assim como em outras partes do Brasil, as confrarias religiosas foram fundamentais na manutenção e expansão do culto católico no período Colonial”. (REGINALDO, 2005, p 69).

Mas nascimento afirma que:

Era o mostra que os negros lagartenses davam conscientes ou não à sociedade. Que o projeto de catequese pretendido pelas autoridades seculares ou eclesiásticas não podia conquistar o resultado esperado. Vê-se que há na verdade um processo de circulação cultural, onde não há subjugados passivos. Pode-se ainda entender estas atitudes como atitudes de resistência a escravidão e a religião dos senhores escravistas. (NASCIMENTO, 2009, p. 37-38).

Essas irmandades ou confrarias surgiram em Sergipe por volta do século XVIII sendo existentes em muitos lugares e tinham elas a devoção a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário que eram os santos protetores dos pretos. “Nossa Senhora do Rosário e São Benedito foram os santos com os quais o negro mais se identificaria”. (NUNES, 2006, p. 241).

Oliveira acredita que a Irmandade dos Homens Pretos do Rosário da cidade de São Cristovão foi um instrumento de sociabilidade:

As irmandades religiosas cumpriram diferentes funções no catolicismo brasileiro, seja servindo às elites como instrumento para a manutenção do seu poder ou como instrumentos de controle de elementos considerados perigosos, mas que souberam explorar as ambigüidades dessas instituições em proveito próprio. Neste sentido, acreditamos que a Irmandade dos Homens Pretos do Rosário constituiu uma oportunidade para os negros refazerem suas redes de sociabilidade por meio da participação em uma religião de alcance sociológico mais geral e um instrumento para a reformulação de suas identidades. (OLIVEIRA, 2007, p. 51).

Desde o início da colonização, os escravos sempre buscaram nos santos negros um meio de diminuir a rigidez diária, seu cotidiano de penúria e servidão. Por isso São Benedito, era sempre lembrado:

Que santo é quele  
Que vem acolá é  
São Binidito  
Que vai pro alta

Inderê rê rê rê  
Aí Jesus de Nazaré (estribilho)

Que santo é quele  
que vem no andô  
É São binidito  
Mais nosso Sinhô

Ó meu São Binidito  
Em vossa casa venho  
Buscá um remédio  
Outro eu não tenho

...

Canto I das Taieiras de Lagarto/SE  
(DANTAS, 1972, p. 134).

Quem foi São Benedito? Cascudo define através de um verbete:

Santo popular na Sicília, nascido Sam Fratello e falecido em Palermo a 4 de abril de 1589 com 65 anos de idade. Preto e humilde, não aprendeu a ler e chegou a guardião do seu convento. Profeta e traumaturgo eram

venerados em toda ilha e sua imagem foi divulgada antes de conomização regular. Também como ele se verificou o milagre das rosas. Trazia o lixo dos dormitórios do convento numa aba do hábito, quando o vice-rei da Sicília, encontrando-o quis ver o que levava. Benedito mostrou-lhe a aba cheia de flores. Sua cor popularizou-o entre os negros e no Brasil teve prestígios, culto nacional. (CASCUDO, 1979, 733-34).

Para Luiz Antonio Barreto “Nossa Senhora do Rosário não é, portanto, uma santa protetora dos negros. Mas uma invocação catequética, destinada a converter ao cristianismo todos os que foram considerados infiéis”. (1997, p. 34).

O projeto cristianizador se fez na pratica na América e no Brasil, onde os índios e negros foram transformados em infiéis e tiveram de ceder suas culturas, desfazendo-se de suas crenças, na catequese redutora. (BARRETO, 1997, p. 148).

Os negros que foram trazidos para o Brasil trouxeram consigo sua cultura, suas raízes, e os Congos foi um desses povos que através das festas religiosas promovidas pelas confrarias eles aproveitaram o ensejo para se manifestar folcloricamente com suas crenças e tradições que eram bem vistas pela igreja por ser uma festa com louvação aos santos católicos. “nos festejos dos Congos, os reis eram escolhidos por um ano ou mais e os festejos eram concluídos com toda pompa, quando na igreja os reis eram coroados pelo padre”. (ALENCAR, 1998, p. 64).

Para Nascimento:

Nesta empreitada especulativa sobre a idiosincrasia negra, pode-se afirmar que estas cerimônias de coroação sevem como meio de reativação de costumes e atividades africanas, como instrumento de fomento para a configuração de identidades afro brasileiras. (NASCIMENTO, 2009, p. 35).

E em meio ao comportamento dos escravos havia uma reação ao contrario do gosto do senhor. Nunes salienta que:

A reação escrava ao senhor é uma hostilidade latente que se traduz em ironia, visível nas manifestações folclóricas como o bumba-meu-boi, no furto, desperdício. Sabotagem ao trabalho, aborto, suicídio,

fuga, guerrilhas rurais e insurreição urbanas. (NUNES, 2006 p. 229).

Os reinados dos Congos eram muito comuns no período do Brasil Colonial e tinham como objetivo reviver as cerimônias das cortes africanas, resistindo, embora por instantes a dignidade dos cortejos reais. Segundo Barreto:

A cerimônia da coroação transforma, num faz-de-conta que perdura folclorizado, em majestades e séquitos pequenas coletividades em torno de festas religiosas. Mais do que a antiguidade, a cerimônia da coroação atesta a persistência, características também atestadas por outros fatos folclóricos comuns no Brasil e especialmente no Nordeste. (BARRETO, 1997, p. 30).

As Taieiras em Sergipe foram dançadas em muitos lugares inclusive em São Cristovão, Laranjeiras, Lagarto e Japaratuba. Todas tinham uma única devoção que era louvar a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Não se pode dizer que as Taieiras foram originárias dos Congos, mas segundo Dantas:

...Taieira tinha a função manifesta de abrilhantar o cortejo dos reis negros. Função esta que pode ser vista em um esboço numa descrição das festas realizadas na Bahia em 1760 em regozijo ao casamento da rainha de Portugal D. Maria I. Entre outras danças apresentou-se o “Reinado dos Congos”... (DANTAS, 1972, p. 60).

Segundo Alencar:

Vários estudiosos do folclore consideram que a Taieira foi originária destes Congos. Um período fazendo parte do cortejo e depois de forma de independente quando por força do declínio das festas dos Congos elas passaram a se apresentar isoladamente guardando, porém as características de séquito da coroação, com a presença de rainha, reis e instrumentos de percussão, valorizando a encenação. (ALENCAR, 2003, p. 64).

Tanto a Taieira como a congada era formada por negros escravos, forros e livres. Com seus cantos, ritmos, danças, instrumento, figurinos e adereços característicos, celebrados em forma de procissão, de romaria, de roda, de bloco ou desfile, essas manifestações traduzem a diversidade multifuncional e multirracial, fazendo do Brasil o grande laboratório cultural da Idade Moderna.

Saber a origem da congada, assim como da cultura popular é conhecer a história do nosso país e ajudar a entender nosso sentimento de pertencimento afetivo as nossas tradições.

As Taieiras e congadas tinham em comum a comemoração a festas de reis e a louvação a São Benedito e Nossa senhora do Rosário. Sua apresentação era feita com muitos fogos, muita música e muita dança. “As músicas cantadas nas festividades das quais as congadas fazem parte estão ligadas muitas vezes ao ritual, havendo algumas que aparecem apenas em determinado momento”. (GIRARDELLE, 1981, p 21).

Este dia de festa para os escravos era o momento de devoção religiosa significando para os grupos “brincar de ser livre” e festejar o santo negro celebrando sua manifestação cultural. Segundo Ribeiro (2003) sendo a música e a dança para as Taieira e congadas representação da tentativa de fuga da realidade como forma de alívio e rigidez da vida diária.

Para Barreto:

O lazer foi criado, na Europa, para ocupar o trabalhador entre o trabalho e o trabalho. As longas jornadas atenuavam os trabalhadores e era preciso acalmá-los e recuperá-los para a continuidade do trabalho. Era, assim, uma espécie de recreio, de folga, quebrando a disciplina e a rigidez do trabalho. (BARRETO, 1997, p. 139).

Na cidade de Lagarto/SE as festas comemorativas aos santos padroeiros dos negros aconteciam segundo o calendário festivo da cidade e em data intransferível: São Benedito a 06 de janeiro e a de Nossa Senhora do Rosário a 06 de outubro.

Em Laranjeiras - SE, o festejo é o ponto alto das comemorações do Dia do Reis. O momento da coroação da “Rainha das Taieiras” ou “Rainha das Congadas” é o ápice da festa, realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Durante a missa, a coroa da santa é retirada e colocada na cabeça da “Rainha”. Tocando

querequexê e tambores, os grupos - trajando blusa vermelha e saia branca cortada por fitas coloridas, seguem pelas ruas da cidade cantando cantigas religiosas. Sendo assim, observa-se que os rituais utilizados misturam o catolicismo e os rituais afro-brasileiros.

Afirma Barreto que:

A cerimônia da coroação de reis e rainhas negros costumava ocorrer, como ainda hoje ocorre em Japarutuba e Laranjeiras, no estado de Sergipe, na festa de reis, junto à igreja de Nossa Senhora do Rosário. (BARRETO, 1997 p.30).

De acordo com as observações feitas por Dantas (1972) acerca das manifestações ocorridas em laranjeiras e as de Lagarto ela percebe pequenas alterações no grupo das Taieiras sendo que em Laranjeiras segue-se os rituais e tradições sem alterações. As manifestações eram ligadas a danças religiosas que tinham aceitação da igreja e dos padres. No entanto, foram perdendo a importância nas associações religiosas no contexto do catolicismo e com o desaparecimento das irmandades do Rosário. Aliado a isso, mostra que as seguidas atitudes negativas dos padres em relação às manifestações populares e tradicionais da religião agravaram ainda mais a situação dessas manifestações contribuindo para o desaparecimento ou enfraquecimento da Taieira e das congadas. Percebe-se que as Taieiras e as Congadas não resistiram à visão equivocada da igreja, que passou a ver nas manifestações apenas um ritual de paganismo ou profano.

Ainda afirma que pela tradição, a dança era apresentada nas cidades vizinhas em festas religiosas, mas após a apresentação poderiam apresentar-se em festas profanas, após cumprir as obrigações para com São Benedito. Catolicismo e ritos afros misturavam-se nessas manifestações o que acabou levantando a não aceitação por parte de alguns padres.

Fonseca afirma que:

Lagarto, em fins do século passado, possuía o que de mais influente havia nas atividades festivas, onde a presença dos grupos folclóricos assumia inteira movimentação na vida da cidade, onde quer que fossem elas celebradas. (FONSECA, 2002, p. 222).

O sagrado está presente de diversas formas dentro da sociedade. Desde objetos, seres nos espaços físicos, ou no tempo, praticamente tudo pode ser revisto da aura e do sagrado. Não sendo uma qualidade própria ao ser, é atribuída a partir do que o objeto sagrado representa simbolicamente para o indivíduo. Como nem sempre essa qualificação verbalizada ou racionalizada é necessária que se interpretem as informações obtidas para que se descubra onde, como e quando o sagrado está presente.

Em Atibaia, segundo Girardelle:

As festas religiosas que ocorrem com a participação das Congadas envolvendo um período que vai de 25 de dezembro até 06 de janeiro. Este período é também chamado pelo povo da cidade de festas de Natal, envolvendo inicialmente o dia de Natal, com o início da chamada Festa do Mastro, Festa do Rosário e Festa de São Benedito. Todas estas festas são também chamadas Festas do Rosário por ocorrerem em grande parte no chamado largo do Rosário. (GIRARDELLE, 1981, p. 38).

Santos afirma que: “Lagarto foi uma vila muito festiva, sobretudo no período natalino. As pessoas livres, libertas e escravas participavam de festividades que serviam como momento lúdico particularmente para a comunidade escrava”.

De acordo com os estudos de Dantas (1972), os soberanos desempenhavam a função pública de induzir ao trabalho dos escravos e os negros e de contê-los quanto se revoltavam contra os senhores. Para a coroação desses reis organizavam festas e cortejos que iam até a igreja onde eram coroados pelo padre. Sendo assim, a dança das Taieiras como outras danças, originaram-se desses acompanhamentos reais. Deixa claro que essa relação entre as Taieiras e a realeza modificou-se ao longo do tempo. No entanto, tanto em Lagarto como

em Laranjeiras as Taieiras tinham essa função de cortejar a realeza do Rosário. Assim descreve que:

Em Lagarto, as Taieiras formavam o séquito real. Iam buscar os soberanos em suas casas e dançando enfeitavam o cortejo no seu deslocamento para a igreja ou durante a procissão. Devendo os reis recolherem-se após os atos religiosos, as Taieiras acompanhavam-nos até suas residências e só então punham-se a dançar nas casas das pessoas, realizando a parte profana do festejo. (DANTAS, 1972, p.59).

Como mostra Alencar (2003), percebe-se nitidamente, na Taieira, a presença de rituais afros não só no ritmo, nos cantos, mas no cortejo remanescente do cerimonial dos congos africanos e que se fixaram entre nós, valorizados também pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Assim, o festejo dos Congos era visto com bons olhos pelos portugueses, pois influenciava no trabalho escravo e na produtividade. Na dança das congadas só os homens participam, cantando músicas que levam fatos da história de seu país.

A influencia africana é muito clara não só pelo ritmo e letras dos seus cantos como pela presença de elementos dos cultos afro- brasileiros desenvolvidos na Taieira por mãe Belina sua organizadora e chefe por 50 anos e que era também Mãe-de-santo em laranjeiras. (ALENCAR, 1998, p 54).

Para Dantas (1972), as Taieiras praticamente desapareceram por terem perdido força, principalmente junto às igrejas, tendo em vista as atitudes negativas dos padres, que passaram a considerar a manifestação como algo profano, pertencente só aos negros. Mostra também que em Lagarto as Taieiras não resistiram nem como dança de rua. Além das modificações ocorridas na igreja, há também de se considerar as transformações na sociedade. Assim:

E a Taieira, que se conservou fiel ao seu sentido religioso enquanto a sociedade gradualmente se secularizava, não mais encontra apoio na igreja que também se modificou. As variações das atitudes dos padres em relação às Taieira, no decorrer dos tempos, refletem as mudanças da sociedade. Tolerada ou mesmo prestigiada pela igreja no passado como integrante do cortejo dos reis do Congo, é hoje repelida como forma

espúria de manifestação do paganismo. (DANTAS, 1972, p.71-72).

As procissões davam aos negros por um momento o esquecimento de serem considerados inferiores aos demais e dava a todos os presentes um momento de sociabilidade, era o único em que os negros eram admirados pelas pessoas de posses e era o espaço onde a África ou até mesmo o reinado dos Congos estava presente através da representação de sua cultura.

A trajetória histórica das Taieiras e Congadas em Lagarto oitocentista foram de muita importância para construção identitária local, apesar de terem sido símbolo de grande movimentação na vila e de serem religiosos foram, considerados por alguns padres como grupos profanos pelo uso da dança, do batuque e da representação da África. Mas o motivo maior e mais provável para o desaparecimento das Taieiras e Congadas foi a não aceitação dos padres por conta da grande movimentação nas festas dos e dos santos de tez escura.

Em suma apesar da não aceitação das festas pela participação dos grupos folclóricos a devoção a São Benedito ajudaram a erguer a fortalecer os laços existentes na comunidade negra.

#### Referencia Bibliográfica

AGJSE: **Livro de Contas e Despesas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Lagarto**. Cartório do Segundo Ofício de Lagarto, caixa 1.

ALENCAR, Aglaé, D`Avila Fontes. **Dança e folguedos; Iniciação ao folclore sergipano**. Publicação da secretaria da Educação. Aracaju, 1998.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 14º Ed. 3ª reimpressão. Coleção Primeiros Passos, 36. São Paulo Brasiliense. 1998.

BARRETO, Luiz Antonio. **Um Novo Entendimento do Folclore e Outras Abordagens Culturais**. Sociedade Editorial de Sergipe, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. Editora Brasiliense. 1º ed. São Paulo, 1982.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna- Europa, 1500-1800**. São Paulo: companhia de Letras, 1999.

CASCUDO, Luiz da Câmara 1898-1986. **Dicionário do folclore brasileiro**/ Luiz da Câmara Cascudo. 10. Ed.-edição ilustrativa- São Paulo: Globo, 2001.

DANTAS, Beatriz Góis. **A taieira de Sergipe, uma dança folclórica**. Editora Vozes. Petrópolis. 1972.

FONSECA, Adalberto. **História de Lagarto. Nossa terra, nossa gente**. Lagarto/SE. 1ª Ed. 14ª reimpressão. Alvorada. 1982.

REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários de Angola: Irmandades negras, Experiências Escravas e Identidades africanas na Bahia setecentista campinas S.P**, 2004. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Estadual de Campinas S. P.

GIRARDELLI, Élsie da Costa. **Termos de Congo: Atibaia**. Rio de Janeiro, Mec-Sec- FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1981.

MORAIS FILHO, Mello. **Festas e Tradições Populares do Brasil**; com prefácio de Sílvio Romero; Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

NASCIMENTO, Flávio Santos do. **Um estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Villa de Lagarto (1856-1875)**. 2009. Monografia (Graduação). Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão, 2009.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial I**. 2ª Ed. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

OLIVEIRA, Vanessa dos Santos. Identidade, Religiosidade e Cotidiano escravo: Inserção social dos africanos no campo religioso da cidade de São Cristovão. **Revista Scientia Plena**, São Cristovão, VOL. 3, NUM. 5.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. **Etnomusicologia das taieiras de Sergipe: uma tradição revista**. Salvador, 2003. Dissertação (Mestrado em música) Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia.

SANTOS, Jocineide Cunha. **Entre Farinhadas, procissões e famílias:** a vida de homens e mulheres escravos em Lagarto, província de Sergipe (1850-1888). Salvador, 2004. Dissertação. (Mestrado em História social) Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal da Bahia.